

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19^a. ed. SP. Brasiliense, 2012

O livro “O que é Leitura” é dividido em seis capítulos, com 94 páginas, apresenta formas diferenciadas de leitura. Evidencia que a leitura vai além do texto escrito, mas na realidade engloba tudo o que se conhece do mundo que nos cerca e que carece de observação. Inicia mostrando o quão diverso é o sentido da leitura, quebrando a restrição da palavra escrita, e abrindo uma gama de outras opções, tais como imagens, sons, gestos etc. e que independem do ambiente escolar.

É usual associarmos a leitura, tão comente, a algo documentado por escrito. Nessa perspectiva, o leitor pode ser considerado um decodificador de letras. Mas a leitura é algo muito mais profundo, a que não se pode limitar-se apenas a função decorativa ou utilitária. Qualquer objeto, que nos provocou algum tipo de reação (uma sensação prazerosa ou, pelo contrário, desconfortante) que, em geral, fixou nossa atenção e nos fez percebê-lo de fato, pode ser dito lido. A leitura está, pois relacionada a qualquer situação genérica que domina nossa atenção.

Todas as sensações que nos causam satisfação ou insatisfação, que nos tranquiliza ou nos irrita, são vestígios aos quais atribuímos sentido. E a partir desses vestígios é que damos os primeiros passos para aprender a ler. Segundo MARTINS (1997, p/12) “Aprender a ler trata-se, pois de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mais tão exigente e complexo como a própria vida. [...]”.

O entendimento de como o processo de leitura funciona exige de nos certo esforço particular, pois independentemente de termos ou não contato com um professor, podemos aprender a ler do mesmo jeito, por nossa própria conta. Advém de nossa convivência e experiência no mundo. De acordo com MARTINS (1997, p/15) “Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para ir além dele. [...]”. A leitura escrita só se concretiza no momento que o leitor consegue estabelecer uma conexão entre os símbolos escritos e o que tais símbolos significam ‘no todo’, ao qual estão englobados.

A leitura é um fruto da transformação da curiosidade humana em necessidade e esforço para recriar as condições ideais na imaginação, o que resulta em compreensão pelo leitor ao que leu.

De acordo com MARTINS (1997, p/17) “Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, [...], quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitamos basicamente a ler tudo e qualquer coisa. [...]”.

A leitura de imagens e de textos escritos pode ocorrer de forma semelhante, caso existam condições específicas para isso. Assim, ao assistirmos um filme ou então lermos um jornal impresso, estamos, pois executando a mesma função. Para tanto, faz-se necessário que tenhamos conhecimento sobre o contexto a que se prestamos a ler. De maneira que não temos como julgar informações e assim atribuir sentido a elas, se não temos competência intelectual para isso. Além disso, nossa memória geralmente não armazena informações sem valor, fixamos apenas aquilo que nos interessa. Como consequência disso, o esquecimento nada mais é do que um mecanismo de defesa de nossa mente, contra conteúdos indesejados. De acordo com MARTINS (1997, p/20) “Assim como a aprendizagem e da leitura em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento, acarreta alguns riscos. [...]”. De modo geral, ‘a interação

das condições internas e subjetivas e das externas e objetivas' sempre influenciam o ato de ler.

A leitura faz parte da formação do indivíduo possibilitando-lhe capacitação para o convívio social, político, econômico e cultural. A escola não tem conseguido mostrado esse lado importante da leitura aos alunos e, em consequência disso, muitos não vem significado e não adquirem o hábito da leitura.

Não existe um método de alfabetização que leve alguém a se tornar um leitor. Além disso, na maioria das pessoas limitam-se a leitura com fins completamente pragmáticos.

Atribui-se um alto valor a quem produz e compreende a linguagem artística, seja em ditar leis, estabelecer normas e valores sociais e culturais. Assim resta aos demais usufruir desse produto pronto, de uma forma meio que passiva. Algo que Paulo Freire denunciou e chamou de concepção bancária da leitura.

A leitura deve ser encarada como um dos fundamentos do processo educativo, sendo, portanto, parte integrante na formação do indivíduo. Dessa forma, não pode se restringir ao livro didático adquirido anualmente pelos alunos, que muitas vezes nem são estimulantes e interessantes.

As precárias condições socioeconômicas e a ineficiência da formação escolar resultam em fatores importantes para a existência de problemas na aprendizagem da leitura no Brasil. Segundo MARTINS (1997, p/28) "O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelo contexto geral em que os leitores se inserem.

Uma mudança nesse quadro exige uma transformação geral em nossa percepção de cultura, que culminaria com a ampliação da leitura para além do contexto escolar. Evidentemente isso só seria possível se caso ocorresse uma reformulação de nosso sistema político-econômico-social. Seria preciso encarar a leitura como um processo de interpretação de símbolos e de expressões formais, sem necessariamente importar o tipo de linguagem.

A leitura pode ser compartimentada em três níveis básicos que são: *sensorial, emocional e racional*. De acordo com MARTINS (1997, p/37) "Cada um desses níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, *esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado*, segundo a experiência, expectativas, necessidades do leitor e das condições do contexto geral em que se insere.". De fato, MARTINS (1997, p/77) "Deve, pois, ficar claro não haver propriamente uma hierarquia; existe, digamos, uma tendência de a leitura sensorial anteceder a emocional e a esta se suceder a racional, o que se relaciona com o processo de amadurecimento do homem.".

Portanto, aprender a ler depende em muito da vontade e interesse de cada um em saber mais. Agregado a isso está o treinamento e aprofundamento da capacidade de raciocínio de cada um, que, está claro, exige esforço. É possível a aquisição de técnicas para uma leitura eficiente, no entanto, cada leitor pode desenvolver-se e habituar-se a leitura de acordo com suas próprias características.